

## O CONTEÚDO GINÁSTICA A PARTIR DA ABORDAGEM CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ações de pesquisa, ensino e extensão voltadas para a sociedade

Myllena Camargo de Oliveira<sup>1</sup>  
Aline de Souza Caramês<sup>2</sup>

### RESUMO

A ginástica é considerada com um dos conteúdos a ser desenvolvido nas aulas de Educação Física e tem uma relação direta com conhecimentos corporais. A partir desse entendimento, emergiu o seguinte problema: como inserir o conteúdo ginástica nas aulas de Educação Física a partir da abordagem crítico-emancipatória? Objetivamos, inserir o conteúdo ginástica nas aulas de Educação Física a partir da abordagem crítico-emancipatória. O conteúdo da ginástica foi trabalhado com uma turma de 5º ano da Escola Estadual de Educação Básica Irmão José Otão. A turma era composta por 14 alunos, sendo 8 meninas e 6 meninos e esses/as alunos/as tinham entre 10 e 12 anos. Assim, totalizaram 5 aulas, sendo exercidas uma vez por semana. As atividades das aulas eram voltadas a rolamentos, saltos e figuras corporais. A abordagem de ensino da Educação Física utilizada foi a abordagem Crítico-Emancipatória. Utilizamos exercícios educativos e coeducativos, fundamentos dos conteúdos trabalhados, rodas de conversa, atividades dinâmicas e propostas de ensino mediante resolução de problemas, mediando a partir disso, o processo reflexivo e aguçando a sensibilidade dos/as alunos/as. A partir disso, percebemos melhorias no desenvolvimento motor dos/as alunos/as, na produção da coletividade, afetividade e participação. Concluímos que o conteúdo ginástica trabalhado por meio abordagem crítico-emancipatória é uma experiência imperativa.

**Palavras-chave:** ginástica; abordagem crítico-emancipatória; educação física.

### INTRODUÇÃO

Partimos da ideia que segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997), nos aponta que na Educação Física escolar é necessário dar oportunidades a todos os alunos para o desenvolvimento de suas potencialidades, visando seu aprimoramento como seres humanos de modo democrático e não seletivo.

A ginástica é considerada com um dos conteúdos a ser desenvolvido nas aulas de Educação Física e tem uma relação direta com o Bloco de Conhecimentos sobre o corpo, de acordo com os PCNs (1997) pois “Conhecimentos sobre o corpo”, pois, nas atividades ginásticas, esses conhecimentos se explicitam com bastante clareza.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Educação Física, Universidade Federal de Santa Maria, myllenacamargo22@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestra em Educação Física, Universidade Federal de Santa Maria, aline.geralda@gmail.com.

Destacamos inseridos na ginástica, as acrobacias de solo e equilíbrios acrobáticos, que se tem semelhanças a exercícios ginásticos, considerados por Duprat e Gallardo (2013) como movimentos elegantes que envolvem força, agilidade, flexibilidade, coordenação, equilíbrio e controle do corpo, e desenvolvem coragem, habilidades de saltos e destreza, podendo ser exercícios individuais, ou realizados por inúmeros participantes, como as pirâmides e acrobacias em grupos.

Partindo desse princípio, a ginástica pode ser trabalhada para além da reprodução de movimentos ligados ao alto rendimento, segundo (Duprat e Gallardo, 2013) a natureza do trabalho com acrobacias ensina indivíduos a cooperarem no grupo, e com o tempo, os indivíduos passam efetivamente a atuar como equipe.

A partir desse entendimento, emergiu o seguinte problema: como inserir o conteúdo ginástica nas aulas de Educação Física a partir da abordagem crítico-emancipatória?

Objetivamos, inserir o conteúdo ginástica nas aulas de Educação Física a partir da abordagem crítico-emancipatória.

## **DESENVOLVIMENTO**

O conteúdo da ginástica foi trabalhado com uma turma de 5º ano da Escola Estadual de Educação Básica Irmão José Otão. A turma era composta por 14 alunos, sendo 8 meninas e 6 meninos e esses/as alunos/as tinham entre 10 e 12 anos. Em decorrência de tal experiência ser produzida em meio ao Estágio Supervisionado III com os anos iniciais do ensino fundamental, a ideia foi dar sequência no conteúdo que a professora regente da turma estava realizando acerca das atividades circenses. Assim, totalizaram 5 aulas, sendo exercidas uma vez por semana. As atividades das aulas eram voltadas a rolamentos, saltos e figuras corporais, que são considerados equilíbrios acrobáticos. Para isso, utilizamos exercícios educativos e coeducativos, fundamentos dos conteúdos trabalhados, rodas de conversa, atividades dinâmicas e propostas de ensino mediante resolução de problemas, mediando a partir disso, o processo reflexivo e aguçando a sensibilidade dos/as alunos/as.

A abordagem de ensino da Educação Física utilizada foi a abordagem Crítico-Emancipatória, em que visa abrir e ampliar o campo existencial do/a aluno/a que se torna possível devido às experiências de aprendizagem em seu mundo vivido, que inclui a escola, mais especificamente a educação física. Trata-se de uma interação social do sujeito com a sociedade de forma participativa, que acontece em todo processo coletivo de ensinar e aprender, mas que deve ser tematizada enquanto objetivo educacional que valoriza o trabalho coletivo de forma responsável, cooperativa e participativa.

Outro aspecto importante nessa abordagem é a linguagem, que enquanto categoria de ensino, ganha importância maior. Entretanto, não só a linguagem verbal ganha expressão, mas todo o “ser corporal” do sujeito se torna linguagem. Considerando-se o exposto, busca-se, por meio da abordagem Crítico-emancipatória, que o/a aluno/a crie competências para viver na sociedade em que habita. Conforme Kunz (2014) há três competências em que acontece o processo de ensino-aprendizagem, as quais são elas: objetiva, social e comunicativa. Na competência objetiva, busca-se aprender e desenvolver o conteúdo prático dos esportes, ou seja, “às habilidades e técnicas dos esportes” (Souza, Marques e Telles, 2016, p. 242). Na competência social refere-se aos

“conhecimentos e esclarecimentos que o aluno deve adquirir para entender as relações sócio culturais do contexto em que vive, dos problemas e contradições dessas relações, os diferentes papéis que os indivíduos assumem numa sociedade, no esporte, e como esses se estabelecem para atender diferentes expectativas sociais.” (Kunz, 2014, p. 48).

Ainda sobre a competência social, o autor cita as diferenças e discriminações baseadas no sexo, em que muitas vezes acontece na separação de meninas e meninos nas aulas. Situações essas reforçadas por professores/as que prejudicam a socialização igualitária dos sujeitos. Há na sociedade contemporânea, uma supremacia e privilégio ao acesso das práticas corporais e esportivas para os meninos, sendo que as meninas também desejam realizá-las, mas muitas vezes essas práticas são consideradas inapropriadas para seu papel social de menina. Essas diferenças e discriminações, fundamentalmente das meninas, mas não apenas delas, na maioria das vezes acontece pela falta de habilidade motora, o qual resulta no fracasso e exclusão para tais atividades (Sousa e Altmann, 1999).

Entende-se então, a necessidade de desenvolver a competência social para um agir solidário, cooperativo e participativo, em que essas situações não ocorram.

Já a competência comunicativa, Souza, Carmen e Telles (2016, p. 242) resumem “aos conteúdos que transcendem a simples prática do esporte, é a crítica, a capacidade de julgar o fenômeno esportivo.”. Entretanto, Kunz (2014) abrange aspectos mais complexos nessa competência, em que haja uma emancipação da intersubjetividade dos sujeitos, e que eles possam sair da “fala comum” para se chegar ao nível do discurso no que se refere aos fatos e fenômenos construídos social e historicamente pela sociedade.

Em uma das atividades, distribuímos figuras ao chão e os/as alunos/as foram solicitados/as a circular entre as figuras e, ao nosso som, deveriam fazer o mais parecido possível com tal figura. Em seguida, cada aluno/a recebe uma dessas figuras e continua circulando, ao nosso som, um/a para à frente do/a outro/a e realiza a figura. A seguir, escolhemos uma figura (ponte) e pedimos para todos/as realizar. Depois, realizaram a figura acrobática (vela).

Diferentemente de outras atividades e também de outros conteúdos realizados anteriormente, essa atividade teve mais adesão e os/as alunos/as se divertiram bastante. Realizaram as figuras bem empolgados/as. Teve apenas dois meninos que não quiseram participar. A atividade das figuras acrobáticas (ponte e vela) a grande maioria participou e demonstraram entusiasmo para realizar. Auxiliamos aqueles/as que tinham mais dificuldades e contribuíamos com dicas para melhor realização. Com paciência e diálogo, explicando que o objetivo da atividade era cada um/a realizar do seu jeito, a partir das suas experiências, conseguimos trazer aqueles meninos para participar, mas foi uma tarefa difícil. A seguir, apresentamos uma menina realizando uma das figuras propostas, a ponte.

Figura 1 – ponte.



Fonte: facebook da escola.

Outra atividade consistiu na proposta de rolinhos com auxílio dos/as colegas para frente (grupado, afastado e carpado); rolinho lateral; desafio da esteira humana; desafio de olhar o mundo de outra forma; desafio de representar um avião com o corpo.

Em primeiro lugar, apresentamos o objetivo da aula e como a mesma seria realizada. Afirmamos que fizessem da maneira como sabiam e de outras formas possíveis. Em seguida, pedimos que se dividissem em trios, sendo que dois/uas alunos/as seriam para auxiliar o/a outro/a. Nesta atividade ficamos em torno de vinte minutos incentivando, pois hesitavam bastante. As desculpas eram várias e havia diferenças por gênero. De um lado, os meninos solicitavam o futebol, enquanto as meninas tinham vergonha com o próprio corpo, não queriam sujar os calçados, as roupas, etc. Em meios a todas essas desculpas, chamamos a todos/as para perto de mim, para assim conversar sobre isso. Argumentamos no sentido de afirmar que a proposta é um conteúdo da Educação Física que todos/as têm direito de acessar e, assim como o que aprendiam em sala de aula com a professora da turma é importante, o que aprendemos na Educação Física também. Portanto, após essa discussão, todos/as começaram a participar da aula, exceto um menino com asma e uma menina que estava doente que ficaram assistindo. Como já havia passado quase todo o tempo de aula, realizamos o rolinho lateral e, em seguida, o desafio da esteira humana. Após as atividades, realizamos uma roda de conversa para discutir a resistência no início das aulas e no aumento da participação no decorrer da mesma. Assim, afirmaram que as atividades eram divertidas e importantes de aprender. Também, observamos que auxiliavam uns/mas aos/as outros/as para melhor realizar as atividades.

Uma das atividades mais envolventes consistiu em realizar figuras simples, como a vela e ponte novamente, figuras em duplas, trios e grupos de modo que eles/as criem a partir de nosso estímulo (representar ponte, bandeira, avião, pirâmide). Depois, em grandes grupos, pensar em duas figuras que envolvam todos/as. Nesta atividade, o grupo ensaiou uma apresentação para a troca de figuras.



Na sala multiuso da escola, onde aconteceu a aula, na primeira atividade alguns não queriam participar, mas com um pouco de insistência, participaram. Apenas dois meninos definitivamente não participaram. Aos/As que participaram, auxiliamos constantemente a realizarem as figuras, principalmente nos procedimentos pedagógicos das figuras acrobáticas, as quais em determinados solicitavam mais cuidado. Na atividade de realizarem uma pirâmide, uma menina nos explicou uma forma de fazê-la, então pedimos que explicasse aos/as colegas. Surpreendemo-nos com ela, pois usou termos cinesiológicos, explicando de modo claro a forma como havia pensado a pirâmide. A seguir, é possível observar as figuras realizadas pelas/os alunas/os:

Figura 2 – figura humana



Fonte: *facebook* da escola.

Figura 3 – figura acrobática no grande grupo





Fonte: *facebook* da escola.

Com tudo isso, percebemos melhorias no desenvolvimento motor dos/as alunos/as, na produção da coletividade e afetividade, visto que alguns/mas apresentavam dificuldades de se relacionar com colegas. Notamos, também, o aumento na participação deles/as nas aulas a partir da linguagem, esta entendida não somente como a linguagem verbal, mas referente a todo o ser corporal que se torna possível a partir das experiências do *se-movimentar*.

## **CONCLUSÃO**

Compreendemos que o conteúdo ginástica realizado em torno da abordagem crítico-emancipatória se apresentou enquanto uma experiência imperativa. Dessa forma, contribuiu para melhora do repertório motor, visto que no início os/as alunos/as tinham inúmeras dificuldades para executar movimentos, os espaços usados oportunizado consideraram a subjetividade dos/as alunos/as. Também as relações de gênero se fizeram presentes visto que perpassou todas as aulas de modo que alguns meninos se recusavam a participar das aulas e em algumas alunas resistiram alegando que iriam se sujar e/ou estragar as roupas que vestiam.

Sem ter a intenção de esgotar o tema, desenvolvemos ao longo da experiência algumas possibilidades de relação entre a ginástica e a abordagem Crítico-Emancipatória. Essas perspectivas aprimoraram os conhecimentos da Educação Física, de modo a percebemos alguns apontamentos que envolvem a importância do *se-movimentar* refletindo sobre a ideia da coletividade envolvida, característica importante da utilização da abordagem.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DUPRAT, R. M.; GALLARDO, J.S.P. **Artes Circenses no âmbito escolar**. Ijuí: Unijuí, 2013. 182 p.

KUNZ, E. Transformação didático-pedagógica do esporte. 8. Ijuí: **Unijuí**, 2014.

SOUSA, E. S. de.; ALTMANN, H. Meninos e Meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. [Campinas]: **Cadernos Cedes**, ago. 1999. n. 48, p. 52-68.

SOUZA, C. A. de.; MARQUES, C. L. da S.; TELLES, C. Teoria Crítica e Educação Física: Aproximações a partir da abordagem crítico-emancipatória e didática comunicativa. [Araraquara]: **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, 2016. n. 1, v. 11, p. 231-244.